

DANIEL BIOT

INVESTINDO PROFISSIONALMENTE

APRENDA COMO INVESTEM OS MAIORES GESTORES
DE FUNDOS MULTIMILIONÁRIOS DO MUNDO



SOBRE O AUTOR

Daniel Henrique Martins Biot, graduado em administração de empresas pela *União das Faculdades dos Grandes Lagos*, é profissional certificado pela *ANBIMA* e membro do Comitê de Investimentos da *RIOPRETOPREV*. Auxilia a gestão de recursos em investimentos no valor de 600 milhões de reais.

INTRODUÇÃO

O medo do desconhecido é o principal responsável por afastar as pessoas do mercado financeiro. Esse livro tem o intuito de compartilhar conhecimentos essenciais, visando educar futuros investidores para que sejam capazes de compreender e analisar o mercado como os grandes gestores de fundos multimilionários.

Saber o que fazer, quando fazer e porque fazer é imprescindível e fundamental, por isso, conhecer as engrenagens da macroeconomia e vivenciar o mercado dia a dia é o que diferencia os grandes investidores dos pequenos.

Os conhecimentos, instrumentos e estratégias apresentadas nesse livro auxiliam bons gestores a tomarem decisões e anteciparem movimentos, se beneficiando em cenários positivos e se protegendo e mitigando perdas em cenários desfavoráveis e adversos.

Com a objetividade de uma linguagem simples e concisa, buscando facilitar a leitura para os mais inexperientes, os capítulos estão apresentados de forma gradual, proporcionando uma didática que gere maior absorção e compreensão. Portanto, é altamente recomendado que se leia capítulo por capítulo, da forma como foram distribuídos.

Buscando melhorar a compreensão, os capítulos a seguir possuem ampla utilização de exemplos, comparações e analogias.

MOEDA

A moeda nada mais é que uma representação de valor para uma troca.

Se a moeda não existisse, os bens e serviços seriam trocados diretamente.

Um pescador iria oferecer 1 peixe por dia durante 7 dias para que um médico o tratasse de alguma doença. Esse médico poderia trocar um dos peixes por maçãs com algum fazendeiro.

Por isso, a medida de riqueza não é calculada na quantidade de dinheiro existente no país, mas sim na quantidade de bens e serviços produzidos.

Portanto, o crescimento da atividade econômica acelera com o aumento dos bens e serviços demandados.

Os bens e serviços seguem a lei da oferta e demanda. Se houver apenas um pescador oferecendo peixes e muitas pessoas procurando consumi-los, o pescador irá trocar sua produção para quem lhe fizer a melhor (maior) proposta.

Se existir apenas uma lanchonete na cidade, ela cobrará o máximo possível dos seus clientes. Se houver sete lanchonetes, a oferta de lanches será maior, porém a demanda (número de clientes) continuará a mesma, isso fará com que as lanchonetes diminuam seus preços e melhorem sua qualidade para que consigam competir com seus concorrentes. Por isso é tão importante que exista livre mercado e competitividade.

Após a criação da moeda se torna possível poupar riqueza. A partir desse momento, a moeda se torna um bem e também passa a respeitar a lei da oferta e demanda. Quanto maior o volume de moeda num país, menor será o seu valor. Esse fenômeno se chama inflação, e é a partir dele que os investimentos começam a fazer sentido.

INFLAÇÃO

A inflação é a perda do valor do dinheiro. Quanto maior a inflação, mais caros serão os bens e serviços. É um desequilíbrio na quantidade de moeda em relação aos produtos e serviços.

Existem algumas ferramentas utilizadas para conter a inflação, contudo, a mais importante é a taxa básica de juros - que no Brasil é conhecida como Taxa Selic.

Em caso de descontrole da inflação, o governo aumenta a Taxa Selic, estimulando as pessoas a pouparem dinheiro e deixarem de consumir. Apesar de gerar redução na economia e aumentar o desemprego, essa ferramenta é necessária para melhorar a economia a longo prazo.

Como aprendemos anteriormente, ao deixar de consumir, o dinheiro sai da economia, fazendo com que a quantidade de dinheiro no mercado diminua, aumentando seu valor – e reduzindo a inflação.

Outra estratégia utilizada pelo governo em caso de alta descontrolada dos preços é a redução dos investimentos e gastos públicos. Ao tomar essa atitude, o governo também retira dinheiro da economia para reduzir a alta inflacionária.

No cenário de forte inflação, o governo precisa, primeiramente, reduzi-la, para que depois volte a investir. Caso o governo continue injetando dinheiro no mercado, gerará uma instabilidade enorme nos preços, prejudicando a economia a longo prazo.

Em 2019, a inflação no Brasil foi de aproximadamente 3,5%, por esse motivo, qualquer investimento deveria proporcionar um retorno acima desse número, do contrário, o dinheiro perderia valor.

Para entendermos acerca da rentabilidade nos investimentos, falaremos sobre um objeto fundamental do mercado.

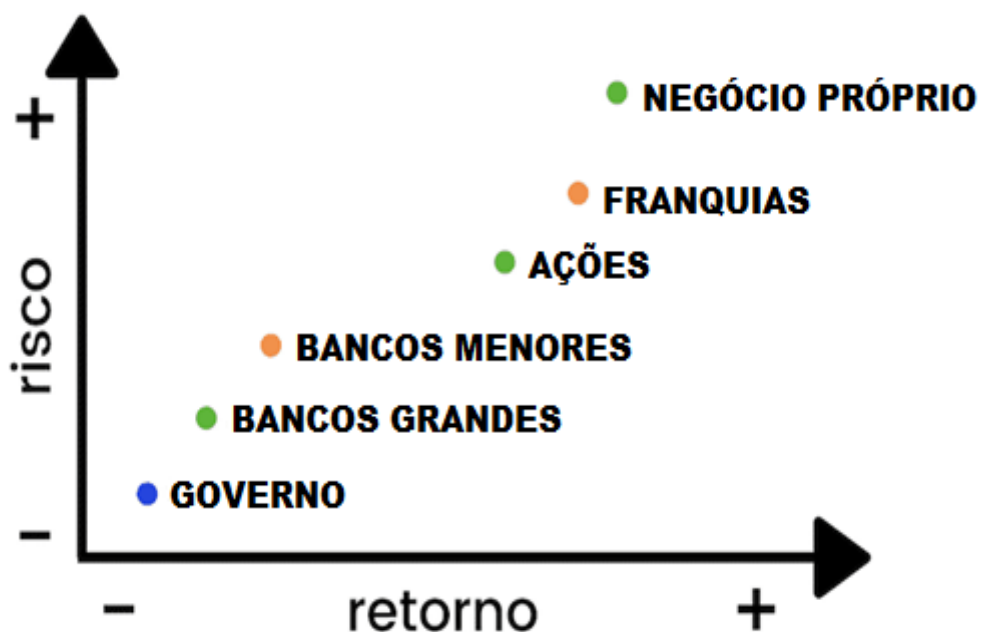
RISCO E RETORNO

O Risco/Retorno define quanto um investimento deve render.

Quanto maior o risco de um investimento, maior será o retorno oferecido.

Imagine que duas pessoas pedem para alugar seu carro para uma viagem. A primeira pessoa é seu irmão de boa índole e que nunca esteve envolvido em acidente algum. A segunda pessoa é sua prima que possui vários pontos e multas na carteira. Para quem você emprestaria o carro? Num primeiro momento, a resposta mais óbvia seria seu irmão, porém, ambos querem alugar o carro. Imagine agora que seu irmão oferece 100,00 reais, enquanto sua prima oferece 2000,00 reais pela mesma quantidade de dias. Isso já muda tudo, não é? É por isso que o risco sempre vem acompanhado de um retorno maior. Uma pessoa mais conservadora abriria mão de uma rentabilidade maior pela segurança, e alugaria o carro para o irmão. Uma pessoa mais agressiva nos investimentos aceitaria correr um risco maior para ter um retorno melhor.

De forma bastante superficial, podemos dizer que o risco/retorno é escalonado em *degraus*:



Emprestar dinheiro para o governo é o que proporciona os investimentos mais seguros, e consequentemente, por causa do baixo risco, as menores rentabilidades.

Logo depois temos os grandes bancos, apesar de improvável, podem acabar quebrando, e por isso, devido ao risco superior ao do governo, emprestar dinheiro para grandes bancos te garantem uma rentabilidade melhor que a primeira.

Emprestar dinheiro para bancos pequenos é mais arriscado, e como consequência, os bancos menores oferecem rentabilidades maiores.

Logo depois temos as empresas, que ao nos tornarmos sócios, corremos todo risco juntamente com os donos. Essa forma de investimento é para quem busca os maiores retornos, pois aceitam correr os maiores riscos.

Exemplo de rentabilidade oferecida baseada no risco:

Inflação no ano: **3,5%**

Investimento no Tesouro Selic (governo): **5,5% ao ano**

CDB de banco grande: **6% ao ano**

CDB de banco pequeno: **6,5% ao ano**

Rentabilidade do Ibovespa nos últimos 10 anos: **15% ao ano**

Rentabilidade exigida para abrir uma franquia forte: **20% ao ano**

Rentabilidade exigida para abrir uma franquia fraca: **30% ao ano**

Rentabilidade exigida para abrir uma empresa do zero: **35% ao ano**

Como podemos analisar, a rentabilidade de um investimento, seja no empréstimo direto do dinheiro ou na abertura de uma empresa, dependerá da probabilidade de perder parcialmente ou totalmente o montante aplicado.

Como sabemos, a probabilidade de uma empresa fechar as portas nos primeiros anos é muito grande, por isso chamamos o lucro ou rentabilidade recebida de prêmio.

O lucro é o prêmio que a pessoa recebe por aceitar correr tantos riscos.

Vamos imaginar que João tenha poupado – com muito esforço - 50 mil reais em 5 anos. João abriu mão de certos desejos imediatos: deixou de viajar, comprar um carro melhor ou reformar a casa.

João decidiu abrir uma padaria para aumentar sua renda. Seu gasto total seria de 50 mil reais, porém, depois de alguns estudos, percebeu que a padaria lhe daria um lucro líquido (após pagar todas as despesas) de 5 mil reais por ano. O retorno seria de 10% ao ano correndo muito risco, pois a probabilidade de fechar a padaria seria muito grande. João notou que investir num CDB de banco pequeno lhe garantiria quase a mesma rentabilidade correndo um risco muito menor.

ROTATIVIDADE DO DINHEIRO E O CRESCIMENTO ECONÔMICO

Após a criação da moeda foi possível poupar dinheiro, e como consequência, fazer investimentos. A maior parte do volume financeiro mundial está nas mãos de grandes fundos de investimentos e instituições financeiras (bancos, entidades previdenciárias, fundos de pensão).

Para simples compreensão, o maior fundo do mundo possui mais de um (1) trilhão de dólares aplicado, cerca de 1,5% de toda a riqueza mundial. Acompanhando e analisando o cenário macroeconômico, os gestores desses fundos estão constantemente movimentando todo esse volume financeiro diariamente.

A rotatividade desse dinheiro define o preço de cada ativo mediante a lei da oferta e demanda.

Vamos imaginar que o mundo esteja próximo de uma crise econômica global. Os gestores irão buscar proteção em ativos fortes e tradicionais, como o ouro, por exemplo. Ao acontecer essa migração do dinheiro, a demanda pelo metal irá aumentar significativamente, fazendo com que o preço do ouro suba. É por isso que em tempos de crises, ativos de proteção costumam se valorizar.

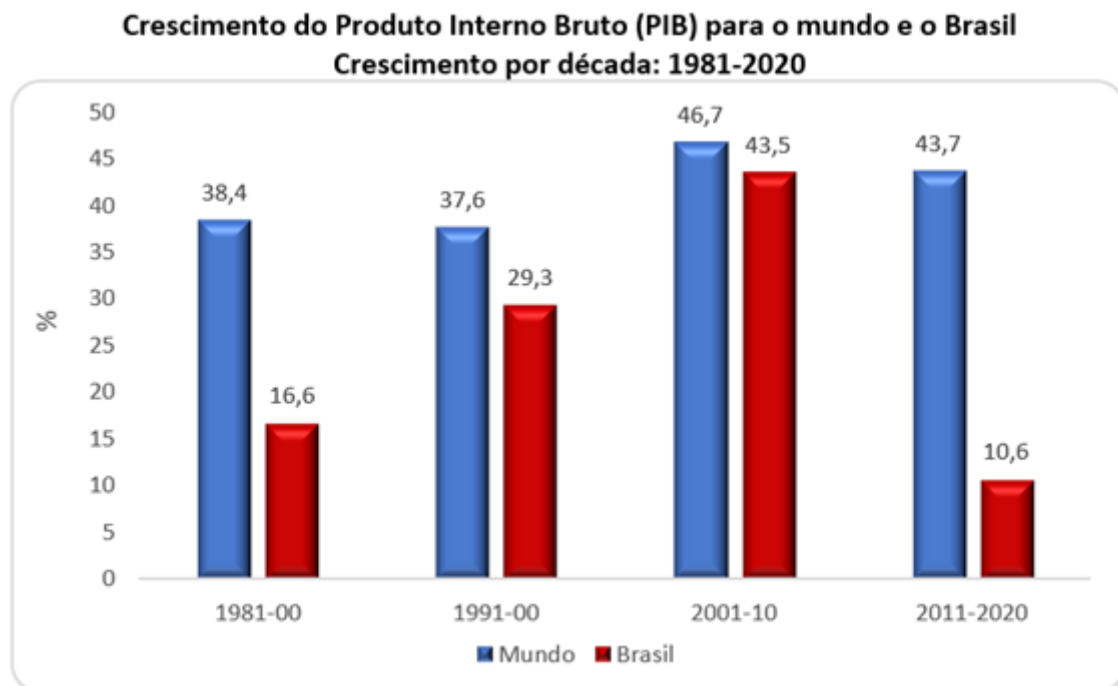
Medo de recessão no mundo gera corrida pelo ouro

RESUMO DA NOTÍCIA

- Com medo de recessão no mundo, muitos estão investindo em ouro, considerado mais seguro
- No ano passado, o ouro foi, ao lado do dólar, a aplicação com melhor rendimento, de quase 17%; neste ano já subiu mais de 30%
- Especialistas dizem que a turbulência no mercado internacional deve continuar, o que reforça a tendência de alta do metal

Fonte: UOL

É importante compreender, entretanto, que a economia não é um jogo de soma zero. Para que alguém ganhe, outra pessoa não precisa, necessariamente, perder. Se assim fosse, não existiria crescimento econômico global. Se fossemos idealizar a economia apenas como transferência de riquezas, o PIB mundial sempre permaneceria estagnado. Como vemos, não é o que acontece; apenas nos últimos 10 anos o mundo passou por uma grande expansão econômica.



Fonte: FMI, WEO

Portanto, é possível concluir que a rotatividade do dinheiro já existente tem um papel fundamental na geração de preços de ativos, e a boa alocação de recursos proporciona crescimento econômico. Ter uma compreensão de como o mercado funciona e acompanhar o rastro desses movimentos é essencial para ser tornar um investidor profissional de sucesso.

ROTINA DO INVESTIDOR: CONHECIMENTO E INFORMAÇÃO

A informação possui enorme relevância para qualquer processo de tomada de decisão, entretanto, quando falamos em investimentos, isso se torna ainda mais necessário.

No mercado financeiro, constantemente, os preços reproduzem todas as informações disponíveis. Como o mercado global está sempre se modificando, é fundamental se manter informado sobre tudo que ocorre no mundo relacionado a economia, política, setores e empresas.

Tão importante quanto a informação é o conhecimento. O investidor deve conhecer as características, os riscos, as relações e correlações de cada ativo, aumentando sua capacidade em avaliar o momento certo de entrar ou sair de determinado produto de investimento.

Imagine que antes de abrir o mercado, João - que acompanha constantemente os jornais de economia – se depara com a notícia de uma iminente piora na guerra comercial entre EUA e China, que poderia acabar prejudicando todo mercado global. Por ter conhecimento acerca da correlação entre dólar e crises globais, João sabe que tal notícia, possivelmente, vai gerar uma busca em massa de grandes investidores brasileiros pelo dólar - visto que a moeda americana é mais forte que a moeda brasileira - e os investidores tendem a se proteger em ativos mais seguros. Devido a lei da oferta e demanda, a procura por dólar vai aumentar muito, fazendo com que o preço da moeda suba.

Por ter conhecimento e estar bem informado, João aproveitou o momento e comprou dólares na abertura do mercado, obtendo bons retornos desse movimento.

Concluimos que, no mercado financeiro, o conhecimento nos mostra como agir, enquanto a informação nos mostra quando agir. A união desses dois fatores proporciona ao investidor o favorecimento de toda probabilidade.

EXPECTATIVAS: MOTOR DO MERCADO

Tentando prever e antecipar todos os movimentos, o mercado financeiro está sempre um passo à frente do real acontecimento. “Compre no boato e venda no fato” é uma frase muito famosa no mercado.

Na era da informação já não basta esperar até que o fato ocorra, por isso, o que move o mercado não são os eventos consumados, e sim a probabilidade de tal fato se confirmar.



Como podemos observar na imagem acima, a taxa de juros no Brasil era de 6,5%, e devido ao cenário de desaceleração da atividade econômica, inflação em queda e alto desemprego, um corte de juros não causaria efeito negativo na inflação, além disso, estimularia o consumo e investimentos, melhorando a economia nacional.

Nesse caso, a expectativa do mercado era que o Banco Central cortasse os juros no mês seguinte, levando a taxa de 6,5% para 6%. Investidores profissionais, sabendo que ações de empresas do setor imobiliário se beneficiariam demasiadamente da queda dos juros, começaram a investir nessas ações, pagando um preço mais baixo, aproveitando o máximo da possível alta - muito antes do corte efetivo. O investidor que esperou o Banco Central confirmar a queda dos juros para investir, acabou perdendo toda valorização das ações durante o último mês.

É importante notar que após a confirmação do corte pelo Banco Central, os gestores realizaram o lucro do último mês e venderam suas ações, fazendo com que o preço voltasse a cair. Portanto, investidores que compraram as ações após a confirmação da queda dos juros tiveram prejuízo a curto prazo.

GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA

Após a globalização e abertura de mercado, a influência econômica mundial sobre um único país se fez presente de forma colossal.

Atualmente, estar informado sobre o que acontece nos EUA, China e União Europeia é tão – ou mais – importante que acompanhar o mercado nacional.

A economia brasileira está profundamente influenciada pelo dólar, pelas exportações e importações, e por isso, uma crise em alguns desses países acabaria afetando abundantemente a economia local.

Imagine que a China comece a passar por uma desaceleração. As exportações do Brasil iriam cair, diminuindo a entrada de dólar no país, fazendo com que a moeda americana se valorizasse perante o real (visto que a moeda utilizada para comércio internacional é o dólar). Com o dólar mais caro, as matérias-primas importadas ficariam mais caras, prejudicando o consumo no Brasil, causando uma desaceleração econômica local. Nesse exemplo, o dólar iria subir, enquanto a bolsa de valores brasileira iria cair.

Como explicado anteriormente, gestores bem informados já teriam aumentado suas posições em dólar e diminuído suas posições na bolsa de valores, se beneficiando da alta da moeda americana e mitigando perdas na bolsa brasileira.

Temor de recessão global
faz dólar fechar acima de R\$
4

Bolsa de São Paulo caiu quase 3% em dia tenso

Fonte: EBC

ECONOMIA

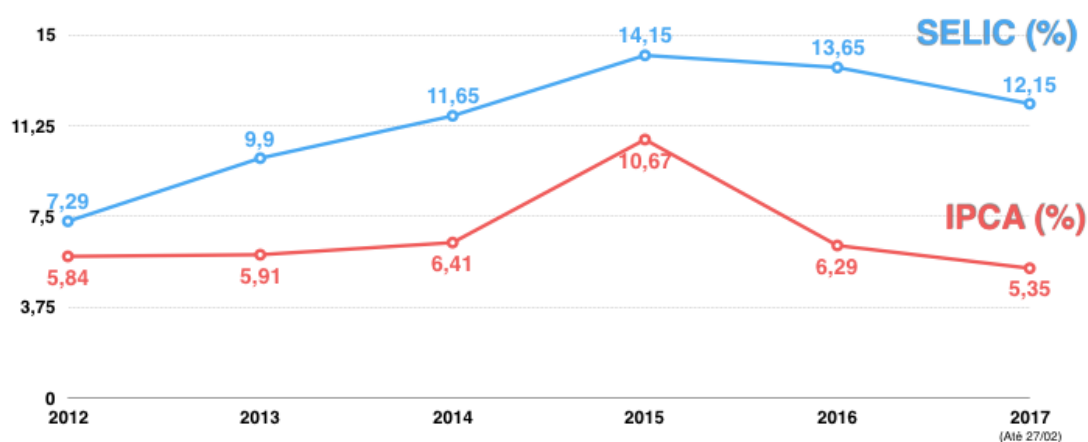
Ibovespa cai 2,90% com temor de piora da economia global e Previdência

Fonte: IstoÉ

RELAÇÃO E CORRELAÇÃO INFLAÇÃO x JUROS x BOLSA x DÓLAR

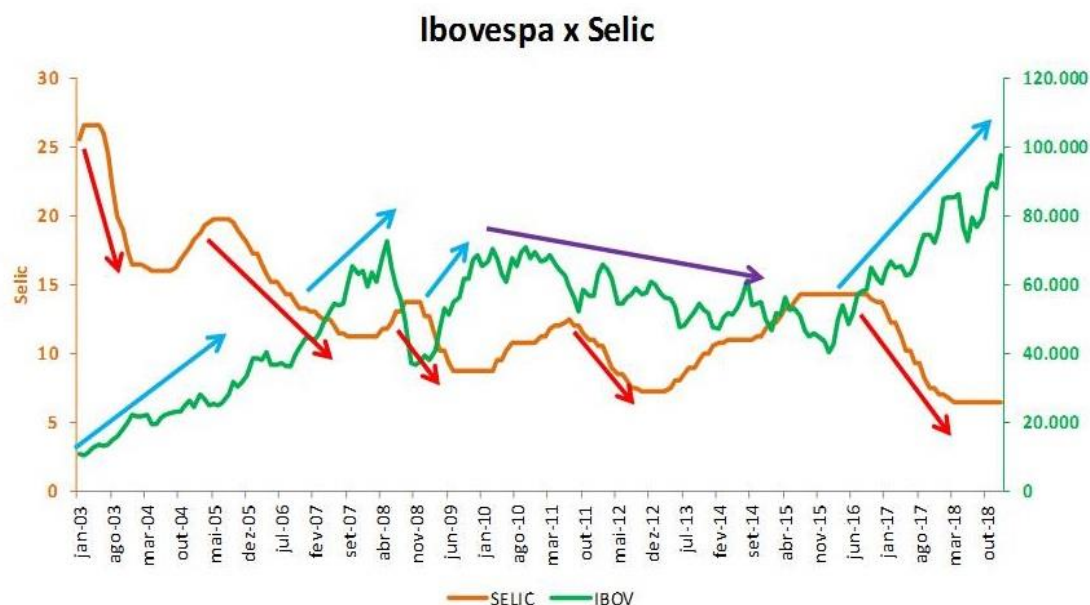
Chegamos no capítulo mais importante: Compreender a relação entre inflação, juros, bolsa de valores e dólar é a base essencial para analisar e tomar decisões racionais no mercado financeiro, proporcionando os maiores retornos e as menores perdas.

Taxa de juros possui correlação positiva com a inflação, ou seja, quanto maior a inflação, maior a taxa de juros:

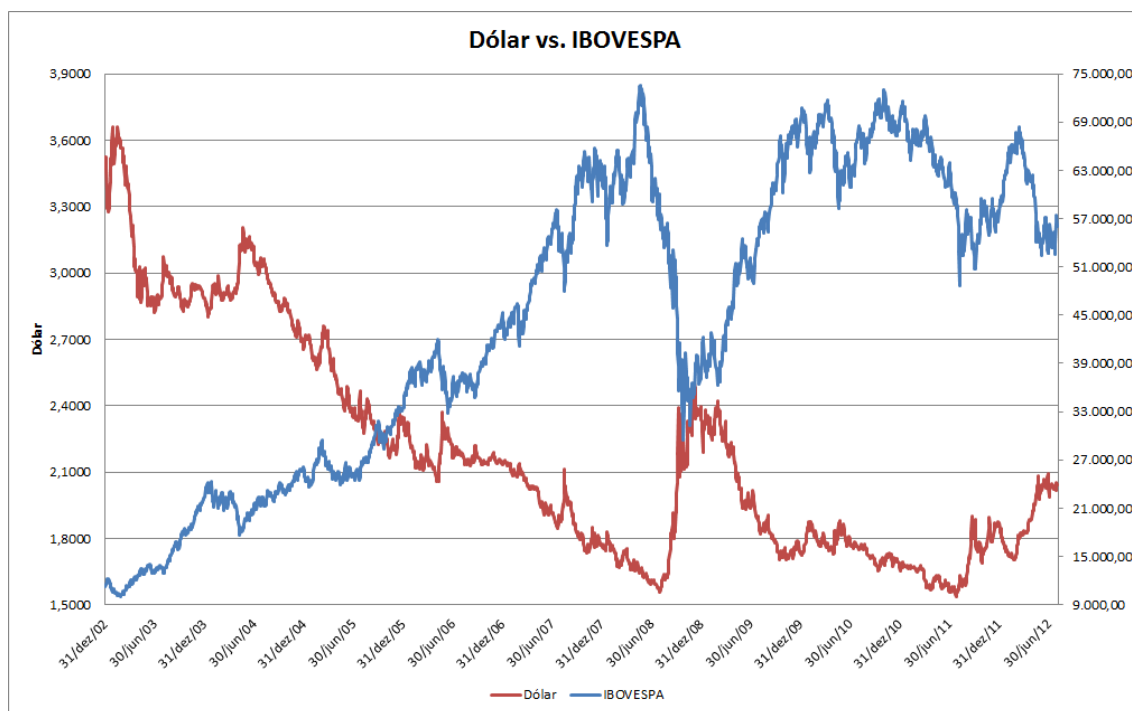


Fonte: BCB, IBGE

A taxa de juros tem correlação negativa com a bolsa de valores, portanto, se movem em direções opostas:



Devido a entrada de investidores estrangeiros na bolsa brasileira, o Ibovespa tem correlação negativa com o dólar, portanto, se movem em direções opostas:



Cenário 1 (pessimista):

- ↑ Inflação →
- ↑ Juros →
- ↓ Bolsa de valores →
- ↓ Atividade econômica →
- ↑ Dólar

Explicação:

Para conter a alta da inflação (IPCA), o Banco Central se vê obrigado a subir a taxa de juros (SELIC), desestimulando o consumo e os investimentos, promovendo a redução da atividade econômica (para reduzir o volume de dinheiro na economia), fazendo com que os gestores tirem seus investimentos da bolsa de valores.

Com a possível crise local, investidores estrangeiros retiram dólares do país, buscando investir em países mais seguros, causando a redução do volume da moeda americana, ocasionando o aumento do preço do dólar.

Cenário 2 (otimista):

↓ Inflação →

↓ Juros →

↑ Bolsa de Valores →

↑ Atividade econômica →

↓ Dólar

Explicação:

Em razão da baixa inflação, existe a necessidade de corte nos juros para que estimule o consumo e os investimentos. Após a redução da taxa, além de estimular o maior consumo da população devido ao baixo crédito, as empresas conseguem refinancear suas dívidas, diminuindo seus custos, e consequentemente, aumentando seus lucros. Outro fator importante é a migração dos fundos institucionais. Devida a baixa rentabilidade oferecida pelos títulos de renda fixa, existe a necessidade de buscar melhores retornos na bolsa de valores. Esse movimento faz com que aumente o volume financeiro em títulos de renda variável, promovendo o aumento do preço dos ativos em bolsa.

É relevante observar que o cenário internacional causa grande influência para atividade econômica local e nos investimentos, principalmente em relação ao dólar.

Cenário positivo – aumento da atividade econômica global:

↓ Dólar

Explicação:

Com a melhora econômica global, investidores internacionais tendem a correr maiores riscos e investirem em países emergentes, buscando melhores retornos. Ao aumentar o volume da moeda americana no Brasil, o preço do dólar cai (lei da oferta e demanda).

Cenário negativo – redução da atividade econômica global:

↑ Dólar

Explicação:

Com a piora na economia global, investidores do mundo todo tendem a se proteger em ativos e moedas mais seguras. Como o dólar é a moeda mais forte do mundo, na iminência de uma crise econômica global, uma fuga de dólares de países

emergentes acontece, fazendo com que o preço do dólar suba naquele país (lei da oferta e demanda).

É importante salientar que nem toda alta da inflação é danosa. Inflação controlada com crescimento econômico é essencial para o mercado financeiro, principalmente para a bolsa de valores.

RENTA FIXA TÍTULOS PÚBLICOS

Os investimentos de renda fixa são modalidades onde a rentabilidade é previsível, portanto, o investidor sabe - no momento da aplicação - qual será o seu rendimento no final do vencimento.

Existem duas categorias nesse tipo de aplicação:

Pré-fixada: Porcentagem de rendimento é conhecida no início da operação.

Exemplo: Imagine que um título pague 7% ao ano, essa rentabilidade – até o vencimento – continuará sendo 7% independente da inflação no período.

Pós fixada: Rendimento acompanha índices do mercado (SELIC, inflação, CDI).

Exemplo: Imagine que um título pague o rendimento da taxa SELIC no ano. Se a SELIC for de 6%, o título irá ter a mesma rentabilidade. Caso a SELIC suba para 8%, o título irá acompanhar essa alta e renderá 8%.

No âmbito da renda fixa, por serem investimentos mais seguros e por proporcionar retornos semelhantes aos títulos privados, a maioria dos gestores buscam investir em títulos públicos. São eles:

Tesouro SELIC: Rendimento acompanha a taxa SELIC.

Quando comprar: Expectativa de alta de juros; proteção do capital; poupança de curto prazo.

Observação: Como a taxa SELIC (taxa de juros) é utilizada pelo governo para controlar a inflação, esse tipo de investimento irá render acima da inflação, garantindo ganhos reais.

Tesouro IPCA: Rendimento acompanha a inflação anual acrescido de uma rentabilidade pré-fixada.

Quando comprar: Expectativa de queda de juros; proteção do capital em relação a inflação; poupança de médio a longo prazo.

Observação: Esse tipo de investimento possui oscilação de mercado, podendo render acima ou abaixo da rentabilidade caso seja feito resgate antecipado. Porém, rentabilidade acordada é garantida caso o título seja mantido até o vencimento. Protege o investidor em caso de alta da inflação.

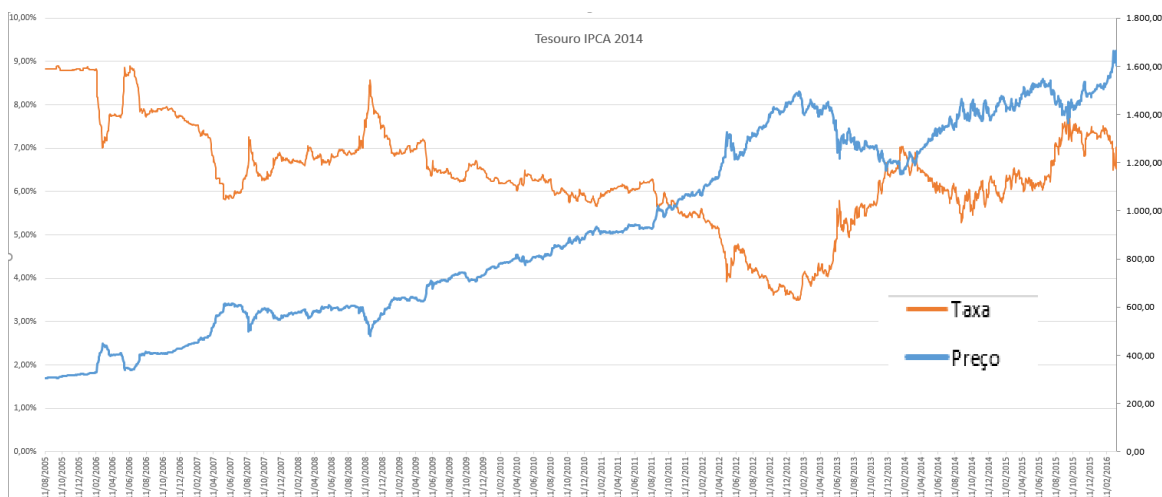
Tesouro pré-fixado: Porcentagem do rendimento definido no momento da aplicação.

Quando comprar: Expectativa de queda de juros; investimento de longo prazo.

Observação: É o título público mais arriscado. Por estar fixado em um retorno determinado, pode render abaixo da inflação, garantindo uma rentabilidade real negativa – mesmo que a rentabilidade nominal seja positiva.

Esse tipo de investimento também possui oscilação de mercado, podendo render acima ou abaixo da rentabilidade caso seja feito resgate antecipado. Porém, rentabilidade é garantida caso o título seja mantido até o vencimento.

É fundamental observar que o preço do Tesouro pré-fixado e Tesouro IPCA (por ter uma parte pré-fixada) são inversamente proporcionais com os juros, assim sendo, quanto menor a taxa de juros, maior o valor do título. Por isso, ao aplicar nessa modalidade de investimento visando a queda dos juros e o resgate antecipado (antes do vencimento), o título se valoriza de forma expressiva.



RENDA VARIÁVEL POR QUE INVESTIR EM AÇÕES?

É incontestável que as pessoas precisam consumir para sobreviver. Portanto, para que as pessoas consumam, as empresas precisam produzir, e para que as empresas produzam, elas precisam gerar lucros. Com isso, as empresas irão pagar seus funcionários e reinvestir para a expansão de seus negócios em outras áreas (abrindo novas lojas, atendendo novas cidades, começando a exportar).

Considerando sempre o cenário da livre escolha pessoal e do livre mercado, as empresas são responsáveis pela geração de riqueza de um país. O ciclo é simples: as empresas pagam salários, as pessoas pagam impostos com esses salários, assim o governo consegue subsistir. Ao fazer uma breve análise, compreendemos que caso as empresas deixem de produzir, o governo não arrecadará impostos. Caso não exista mercado, o governo não existe; caso o mercado não cresça, o país como um todo entra em queda livre.

Esse é um coeficiente importante a se entender, pois para que um governo honre com suas obrigações em relação a títulos públicos (considerado o investimento mais seguro), ele precisa ter arrecadado impostos suficientes para se manter. Por isso, caso haja uma queda na produção de um país, o governo enfrentará enormes dificuldades para pagar suas dívidas. Sendo assim, é válido afirmar que o mercado é também o responsável por garantir que o governo honre seus pagamentos e investimentos.

Grandes investidores se aproveitam de crises ou quedas do mercado para aumentarem suas posições em ações de empresas boas. Eles fazem isso porque sabem que o mercado é o responsável por toda estrutura de um sistema, que caso caia, entra em colapso. Eles entendem que a única forma de perder dinheiro *comprado* no mercado é caso esse mercado deixe de existir. Afinal, enquanto existir, deve continuar produzindo e gerando riquezas para o país. Essa é a sua função.

DIVERSIFICAÇÃO: MONTANDO A CARTEIRA

Empregando todos os conhecimentos obtidos, é importante descobrir qual o perfil do investidor em questão. Ter conhecimento dos riscos existentes e sua aversão irá definir a porcentagem do volume financeiro posicionado em renda fixa e variável.

Utilizando o cenário atual como base, aplicaremos os ensinamentos na prática.

Análise do cenário local:

Atualmente, em virtude da baixa atividade econômica nacional, a inflação no país está constantemente em queda, e por isso, o Brasil passa por uma expectativa permanente de corte nos juros.

O cenário político é positivo para as contas públicas, uma vez que a reforma da previdência já foi aprovada e outras reformas estão sendo encaminhadas. Isso gera confiança no país, já que as políticas fiscais estão cada vez melhores. O risco de se investir no Brasil vem caindo mês a mês pelas empresas de Rating.

Concluimos que o cenário local é positivo para investimentos em ações, visto que a bolsa de valores se beneficia das quedas dos juros, baixa inflação e confiança internacional, posto que a entrada de dólar pode aumentar significativamente, derrubando o preço da moeda americana em nosso país.

Análise do cenário global:

Vivemos um momento inédito no mundo. A inflação nunca foi tão controlada e as taxas de juros nunca foram tão baixas. Alguns países possuem taxas de juros negativas, o que estimula os investidores a movimentarem o volume financeiro dentro do mercado. Porém, isso gera preocupação por ser um movimento nunca antes visto.

Apesar do crescimento dos últimos 10 anos, a economia global passa por algumas dificuldades devido a guerra comercial entre EUA e China. Uma piora desse cenário pode alavancar uma crise internacional. Nesse cenário pessimista, ainda que realista, os

gestores de grandes fundos buscariam se proteger na moeda americana e no ouro, elevando o preço de ambos os ativos.

Estratégia (divisão do capital):

Após breve análise macroeconômica, é possível ter ampla dimensão acerca dos investimentos. Assumindo um perfil de investidor moderado, mediante tal cenário local e internacional, 60% do capital total seria investido em renda fixa (investimentos de baixo risco: títulos públicos) e 40% seria investido em renda variável (investimentos de alto risco: fundos multimercado, ações e moedas).

Estratégia renda fixa:

Analisando o cenário nacional, a alta probabilidade de maiores quedas na taxa de juros devida fraca atividade econômica – mantendo a inflação baixa – nos indica, por fundamento, maior aplicação em Tesouro IPCA, afinal, esse título se beneficia em caso de quedas dos juros.

Por razão das expectativas analisadas, 60% do capital de renda fixa seriam aplicados em Tesouro IPCA e 40% em Tesouro SELIC.

Estratégia renda variável:

Por compreender que o momento é expressamente positivo para a bolsa de valores, aproximadamente 60% do capital financeiro aplicado em renda variável estaria em ações brasileiras.

Apesar do ótimo panorama local, a possibilidade, ainda que pequena, de uma crise global, existe. Portanto, 40% do capital deveria ser aplicado em dólar, buscando proteção caso a crise se confirmasse.

Salientando novamente que, em caso de crise internacional, uma fuga de dólar do nosso país faria com que o preço da moeda americana subisse demasiadamente.

Como observado, o mundo está passando constantemente por mudanças. Em caso de alívio na guerra comercial, seria interessante aumentar a posição em ações brasileiras e diminuir posição em dólar.

Porém, em caso de piora na guerra comercial, a necessidade em diminuir a exposição em ativos de riscos como ações se faria necessária.

Cenário desfavorável (utilizando a estratégia):

Em caso de piora macroeconômica, os investimentos em bolsa (60% do capital) cairiam, porém, os investimentos em dólar (40% do capital) subiriam excessivamente. Nesse caso, mesmo em crise, o capital teria sido protegido e as perdas teriam sido mitigadas.

Lembrando que, ao estar bem informado, o investidor resgataria boa parte do seu capital aplicado em ações antes de quedas mais bruscas.

Cenário favorável (utilizando a estratégia):

Em caso da melhora macroeconômica e local, os investimentos em bolsa subiriam de forma expressiva, enquanto, possivelmente, o dólar cairia. Em decorrência da maior exposição (60% do capital) à bolsa brasileira, os ganhos seriam significativamente maiores que as perdas, uma vez que, uma gestão ativa do capital, mediante melhora da economia, reduziria cada vez mais a exposição em dólar.

É relevante destacar que a matemática estará a favor do investidor que utiliza ativos inversamente proporcionais para proteção da carteira a longo prazo. Afinal, em caso de catástrofe mundial, o máximo que se pode perder em um investimento é 100% do valor aplicado. Porém, os ganhos são ilimitados, podendo ultrapassar 200%, 300%, ou até mesmo 1000%.

